

20 de novembro de 1957

Seminário da quarta-feira de 20 de novembro de 1957

Eis-nos aqui, pois, introduzidos pela porta do *dito espiritual* cujo exemplo *princeps* começamos a analisar na vez passada, aquele que Freud encaixou sob a forma da palavra espiritual *familiaria* creditado, ao mesmo tempo, a Hirsch-Hyacinthe, isto é, a essa criação poética repleta de significação. Principalmente, não é por acaso que Freud julga haver escolhido seu exemplo *princeps* sobre esse fundo de criação poética, e que nós mesmos julgamos, como aliás costuma acontecer, que esse exemplo *princeps* estava particularmente apto a representar, a demonstrar o que queremos demonstrar aqui.

Sem dúvida, vocês viram, isto nos leva à análise do fenômeno psicológico, do que se trata a propósito do *dito espiritual* ao nível de uma articulação significativa que, sem dúvida alguma, se isso lhes interessa, pelo menos espero, para grande parte de vocês, não é menos o objeto, vocês o imaginam facilmente, de alguma coisa que pode bem parecer desconcertante. Eu quero dizer que, sem dúvida alguma, esse algo que surpreende, desconcerta o espírito é bem o nervo desse prosseguimento que eu quero fazer aqui com vocês, da experiência analítica, e concerne ao lugar, e eu diria quase até certo ponto, à existência do sujeito, como alguém me perguntava e que certamente estava longe de ser pouco informado, nem pouco informado sobre a questão, nem, tampouco, pouco informado sobre o que eu procuro explicar.

Alguém me formulou a pergunta: *mas, então, o que é esse sujeito? Onde está ele?*

A resposta é fácil quando se trata de filósofos, já que era um filósofo que formulava essa pergunta na Sociedade de Filosofia onde eu falava. Estava com vontade de responder: mas, nesse particular, eu poderia, com muito gosto, devolver-lhes a pergunta e dizer que, precisamente, deixo a palavra aos filósofos. Afinal, não convém que todo o trabalho seja feito por mim.

Esta questão da elaboração da noção de sujeito requer, com toda certeza, uma revisão a partir da experiência freudiana. Se alguma coisa deve ser modificada ali, não é tampouco nada que deva surpreender-nos. Em outras palavras, se Freud trouxe alguma coisa essencial, será que é o que nós podíamos esperar? Como ver os espíritos, particularmente os dos psicanalistas, consternados, diria tanto mais fortemente, com uma noção do sujeito, a que se encarna em tal maneira de pensar, simplesmente o *eu [m]* que não é senão uma volta ao que poderíamos chamar de confusões gramaticais sobre a questão do sujeito, a identificação do *eu [m]* com um poder de síntese que, com toda certeza, nenhum dado na experiência permite sustentar. Pode-se até mesmo dizer que não houve necessidade procurar a experiência freudiana, não é necessário recorrer a ela para que uma simples inspeção sincera do que é a vida de cada um de nós nos possibilite entrever que esta potência de síntese, pretensamente, é mais do que paralisada, e que, para dizer a verdade, exceto a ficção, não há realmente nada que seja experiência mais comum do que o que poderemos chamar não somente a incoerência de nossos motivos, mas eu diria mais ainda, o sentimento de sua profunda imotivação, de sua alienação fundamental. Se Freud nos traz uma noção de um sujeito que funciona além, este sujeito em nós tão difícil de apreender, que Freud nos mostre os motivos e a ação é alguma coisa que certamente desde sempre deveria ter chamado a atenção; que esse sujeito na medida em que introduz uma unidade escondida, uma unidade secreta no que se apresenta a nós ao nível da experiência mais comum: nossa profunda divisão, nossa profunda fragmentação, nossa profunda alienação em relação aos nossos próprios motivos; que esse sujeito seja outro.

20 de novembro de 1957

Será ele simplesmente uma espécie de duplo, de sujeito *eu [mã]* mau, como disseram alguns, na medida em que contém, com efeito, muitas tendências surpreendentes, ou simplesmente, outro *eu [mã]*; ou, como se poderia pensar ainda que, digo mais, um verdadeiro *eu [mã]*? É realmente disso que se trata? Será simplesmente um duplo, pura e simplesmente um outro que podemos conceber estruturado como o *eu [mã]* da experiência? Esta é a pergunta. Eis porque nós trataremos do assunto neste ano, ao nível e sob o título, das formações do inconsciente.

Certamente, a questão já está presente. Oferece uma resposta. Não é estruturado da mesma maneira: nesse *eu [mã]* da experiência, alguma coisa nele se apresenta, que tem suas leis próprias. Há, na realidade, uma organização de suas formações que não somente tem um estilo, como também uma estrutura particular. Esta estrutura, Freud a aborda e a demonstra ao nível das neuroses, ao nível dos sintomas, ao nível dos sonhos, ao nível dos atos falhos, ao nível do *dito espíritoso*. Ele a reconhece única e homogênea, todo o nervo do que ele nos expõe ao nível do *dito espíritoso*. E é bem por isto que eu o escolhi como porta de entrada; consiste nisto: é seu argumento fundamental para fazer do *dito espíritoso* uma manifestação do inconsciente.

Isso prova que ele é estruturado, que ele é organizado segundo as mesmas leis que encontramos no sonho. Essas leis, ele as lembra, ele as enumera, ele as articula, ele as reconhece na estrutura do *dito espíritoso*. São as leis da condensação; são as leis do deslocamento; essencialmente e antes de mais nada, alguma outra coisa adere a elas; ele nelas reconhece também o que chamei no fim de meu artigo por traduzir *Considerações às necessidades da enunciação*. Ele a traz também como um terceiro elemento.

Mas, pouco importa, aliás, que sejam nomeadas. O nervo do que ele traz, a chave de sua análise é esse reconhecimento de leis estruturais comuns. Nisto se reconhece que um processo, como ele se exprime, foi suscitado no inconsciente. É o que é estruturado segundo as leis, estruturadas, segundo seus tipos. É disso que se trata quando se trata do inconsciente.

O que está ocorrendo? Está ocorrendo ao nível do que lhes ensino que estamos em condições, agora, isto é, depois de Freud, de reconhecer nesse acontecimento ainda mais demonstrativo que ele realmente tem tudo para nos surpreender. Que essas leis, essa estrutura do inconsciente, isso pelo qual se reconhece um fenômeno como pertencente às formações do inconsciente, sejam estritamente identificáveis, engloba (e diria até mais), engloba de uma maneira exaustiva o que a análise lingüística nos permite identificar como sendo os modos de formação essenciais do sentido, na medida em que esse sentido é gerado pelas combinações do significante.

O termo significante toma um sentido pleno a partir de um certo momento da evolução da lingüística, aquele em que é isolada a noção de elemento significante, muito ligada na história concreta ao surgimento da noção de fonema. Claro: localizada unicamente nessa noção, a noção de significante na medida em que ela nos permite apreender a linguagem ao nível de certo registro elementar; podemos defini-la duplamente como cadeia diacrônica e como possibilidade no interior dessa cadeia, possibilidade permanente de substituição no sentido sincrônico. Essa apreensão a um nível fundamental elementar das funções do significante é o reconhecimento, ao nível dessa função, de uma potência original que é precisamente aquela onde podemos localizar uma certa geração de alguma coisa que se chama o sentido, e alguma coisa que, em si, é muito rica de implicações psicológicas e que recebe uma espécie de complementação, sem sequer precisar ir mais longe em seu

20 de novembro de 1957

caminho, na sua busca, persistir naquilo que o próprio Freud já preparou para nós neste ponto de junção do campo da lingüística com o campo próprio da análise. Consiste em nos mostrar que esses efeitos psicológicos, que esses efeitos de geração do sentido não são absolutamente outra coisa. Só se recobrem exatamente com aquilo que Freud nos mostrou como sendo as formações do inconsciente. Em outras palavras, podemos perceber que esse algo que permanece até agora elidido no que se pode chamar de lugar do homem, é muito precisamente isto: a relação estreita que há entre o fato de que para ele existem objetos de uma heterogeneidade, de uma diversidade, de uma variabilidade realmente surpreendentes em relação aos objetos biológicos, pois o que podemos aguardar como sendo o correspondente de sua existência do organismo vivo, esse algo singular que apresenta um certo estilo, uma certa diversidade superabundante, luxuriante, e, ao mesmo tempo, incompreensível como tal, como objeto biológico, do mundo, dos objetos humanos, é alguma coisa que nesta conjuntura deve ser estreita e indissolúvelmente relacionada à submissão, à *subdução* [*subduction*] do ser humano pelo fenômeno da linguagem.

Claro, isto não deixou de aparecer, mas até certo ponto e de certa maneira mascarada; mascarada na medida em que o que é apreensível ao nível do discurso, e do discurso concreto, se apresenta sempre em relação a essa geração do sentido, em posição de ambigüidade, essa linguagem, com efeito, estando já voltada para os objetos que incluem em si mesmos alguma coisa da criação que eles receberam da própria linguagem, e alguma coisa que já pôde ser o motivo precisamente de toda uma tradição, e até de uma retórica filosófica, a que formula para si a pergunta no sentido mais geral da crítica do julgamento: O que vale esta linguagem? O que representam essas conexões em relação às conexões às quais parecem chegar? Que ela formula para si mesma para refletir o que são as conexões do real.

É a tudo isto que chega realmente uma tradição de crítica, uma tradição filosófica cujo cume e ápice podemos definir com Kant, e já, de um certo modo que se possa interpretar, pensar a crítica de Kant como o mais profundo questionamento de todo espaço do real na medida em que ele é submetido às categorias, *a priori*, não somente da estética, como também da lógica; é realmente alguma coisa que representa um ponto-chave ao nível do qual a meditação humana parte novamente para reencontrar este algo que não era percebido nessa maneira de formular a pergunta ao nível do discurso, ao nível do discurso lógico, ao nível da correspondência entre uma certa sintaxe do círculo intencional na medida em que ele se fecha em toda frase; de retomá-lo por baixo e em oposição a este livro da crítica do discurso lógico, e de retomar a ação da palavra nessa cadeia criadora onde ela é sempre suscetível de gerar novos sentidos por meio da metáfora da maneira mais evidente, por meio da metonímia de uma maneira que ficou - explicarei porque quando chegar a hora - até uma época bem recente, sempre profundamente mascarada.

Essa introdução já é bastante difícil para que eu volte ao meu exemplo *familiar* e que nós nos esforcemos em aqui completá-lo.

Chegamos à noção que no decorrer de um discurso precisamente intencional onde o sujeito se apresenta como querendo dizer alguma coisa, alguma coisa ocorre que ultrapassa sua vontade, alguma coisa se apresenta como um acidente, como um paradoxo, como um escândalo, essa neo-formação se apresenta com traços, que não são de modo algum negativos de uma espécie tropeço, de um ato falho como ela poderia ser afinal — mostrei-lhes equivalentes disso, coisas singularmente semelhantes, na ordem do puro e simples lapso — mas que, ao contrário, se encontra nas condições em que esse acidente ocorre, ser

20 de novembro de 1957

registrado, ser valorizado na categoria de fenômeno significativo, precisamente de geração de um sentido ao nível da neo-formação significante, de uma espécie de co-lapso, de significantes que lá se encontram, como diz Freud, comprimidos um contra outro, chocando-se um contra o outro, e que essa significação criada - e mostrei-lhes as nuances e o enigma, entre quê e quê, entre que evocação de modo de ser propriamente metafórico, ele me tratava de um modo inteiramente *familiaríaco*, e que evocação de modo, de espécie de ser, de ser verbal, bem perto de agarrar essa animação singular com a qual tentei agitar diante de vocês o fantasma com o *familiaríaco* o *familiaríaco* na medida em que ele é sua entrada no mundo, como representativo de alguma coisa que, para nós, é muito suscetível de assumir uma realidade e um peso infinitamente mais consistentes que aqueles, mais apagados, do milionário, mas, a esse respeito, mostrei-lhes também como há alguma coisa na existência bastante animadora para representar, verdadeiramente, uma personagem característica de uma época histórica. E indiquei-lhes que não era somente Heine que o havia inventado, falei-lhes do *Prometeu Mal Acorrentado* de Gide e de seu *milionário*

Seria muito interessante determo-nos um instante na criação gideana do *Prometeu Mal Acorrentado*. O milionário do *Prometeu Mal Acorrentado* é Zeus, o banqueiro, e nada é mais surpreendente do que a elaboração dessa personagem. Não sei por que, na lembrança que nos deixa a obra de Gide, eclipsada talvez pelo brilho fora do comum de *Paludes* do qual ele é, contudo, uma espécie de correspondência e de réplica da mesma personagem tratada em ambos. Há muitos traços que estão ali para confirmar isto: o milionário em todos os casos é alguém que tem comportamentos singulares para com seus semelhantes, já que é ali que vemos sair a idéia do ato gratuito. Zeus, o banqueiro, na incapacidade em que se encontra de ter com qualquer outra pessoa um verdadeiro e autêntico intercâmbio, na medida em que ele é aqui identificado, por assim dizer, à potência absoluta, por esse lado puro significante que há no dinheiro, questionando, por assim dizer, a existência de todo tipo de intercâmbio significativo possível, nada encontra de melhor para sair de sua solidão do que agir da seguinte maneira: como se exprime Gide, sair na rua segurando, na mão, um envelope contendo o que na época tinha seu valor, uma cédula de quinhentos francos, e, na outra mão, uma bofetada, se é que posso me expressar assim; capaz de fazer cair o envelope e a quem o apanha amavelmente, propor escrever um nome no envelope, e, em troca de que ele lhe dá uma bofetada, e não é por nada que ele é Zeus, uma bofetada formidável que o deixa aturdido e ferido; depois, se afastar e enviar o conteúdo do envelope à pessoa cujo nome foi assim escrito por aquele a quem ele acaba de tratar tão rudemente.

Assim, ele se encontra numa situação de não ter ele mesmo nada escolhido, de ter compensado, por assim dizer, um malefício gratuito por um dom que, em absolutamente nada, lhe era necessário, tanto sua escolha é a de restaurar, por assim dizer, pela sua ação, o circuito do intercâmbio, o qual não pode se introduzir a si mesmo de nenhuma maneira e por nenhum viés, de nele participar dessa maneira à força, por assim dizer, de gerar uma espécie de dívida da qual não participa em nada e cuja seqüência, aliás, vai se desenrolar na continuação do romance pelo fato que as duas personagens não chegarão mais elas mesmas a juntar, por assim dizer, o que elas se devem uma à outra: uma ficará praticamente cega de um olho e a outra morrerá.

É toda a história do romance e, parece, em certo grau, se tratar de uma história profundamente instrutiva e moral, aproveitável para os fins que procuramos mostrar.

Eis, pois, nosso Heinrich Heine que se encontra em posição de ter criado essa personagem como fundo, mas, nessa personagem, de ter feito surgir com esse significante *familiaríaco* a

20 de novembro de 1957

dupla dimensão da criação metafórica e, por outro lado, uma espécie de objeto metonímico novo, o *familiário* cuja posição podemos, em suma, situar aqui e aqui ¹.

Mostrei-lhes na última vez, que para conceber a existência da criação significativa que se chama o *familiário*, podíamos aqui reencontrar – ainda que, bem entendido, aqui a atenção não seja suscitada por esse lado - todos os fragmentos, todos os resíduos comuns à reflexão de uma criação metafórica sobre um objeto, a saber: todos os subsignificantes, todas as parcelas significantes nas quais podemos decompor o termo *familiário*, a *fâmes*, a *fâm*, a infâmia, enfim, tudo o que quiserem, o fâculo, tudo o que Hirsch-Hyacinthe é efetivamente para seu padrão caricatural, Christoforo Gumpel. E aqui, nesse lugar, devemos sistematicamente procurar, a cada vez que nos deparamos com uma formação do inconsciente como tal, o que chamei os fragmentos do objeto metonímico que, com toda certeza, por razões que estão absolutamente claras à experiência, naturalmente se revelam particularmente, importantes quando a criação metafórica, por assim dizer, não saiu bem. Quero dizer, quando não levou a nada como no caso em que lhes mostrei do esquecimento de um nome; quando o nome Signorelli é esquecido para reencontrar o traço do vazio, desse buraco que encontramos ao nível da metáfora, os fragmentos metonímicos adquirem ali toda sua importância.

O fato que, ao nível do desaparecimento do termo *Herz*, alguma coisa que faz parte de todo o contexto metonímico no qual *Herz* se isolou, a saber, o contexto Bosnia-Herzegovina, que nos permite restituí-lo, toma aqui toda sua importância.

Mas voltemos ao nosso *familiário*

Nosso *familiário* portanto, foi produzido ao nível da mensagem. Eu os fiz observar que ali devemos nos encontrar ao nível do *familiário* com as correspondências metonímicas da formação paradoxal que é produzida ao nível do esquecimento do nome. No caso Signorelli devemos também encontrar alguma coisa que responda ao escamoteio ou ao desaparecimento do Signor no caso do esquecimento do nome. Devemos encontrá-lo também ao nível do *dito espirituosa*

Foi lá que ficamos. Como podemos conceber, refletir sobre o que se passa ao nível do *familiário*, na medida em que a metáfora, aqui espirituosa, tem êxito? Deve haver, até certo ponto, alguma coisa que corresponda, que marque, de algum modo, o resíduo, digamos, o resto da criação metafórica.

Uma criança diria isso imediatamente. Se não ficarmos fascinados pelo lado entificador que sempre nos faz manipular o fenômeno da linguagem como se se tratasse de um objeto, aprenderíamos simplesmente a dizer coisas evidentes, assim como procedem os matemáticos quando manipulam seus pequenos símbolos em x , a e b isto é, sem pensar em nada, sem pensar naquilo que significam, uma vez que é precisamente o que nós procuramos, é o que ocorre ao nível do significante. Para saber o que isso significa não procuremos o que isso significa; está perfeitamente claro que o que é rejeitado, o que marca o resto ao nível da metáfora, o que sai, como resíduo de criação metafórica, é a palavra familiar.

¹ *aqui e aqui*, indicando que Lacan estaria apontando o ponto, num grafo desenhado em algum quadro, a ocorrência de *familiário*, ao nível da mensagem, o ponto γ .

20 de novembro de 1957

Se a palavra familiar não apareceu, e se *familiário* apareceu em seu lugar, a palavra familiar, devemos considerá-la como tendo passado em algum lugar, como tendo o mesmo destino que aquela que eu designava na última vez como sendo reservado ao Signor de Signorelli, isto é, indo prosseguir no seu pequeno circuito em algum lugar na memória inconsciente. É a palavra familiar.

Não devemos nos admirar que assim seja, pela simples razão de que essa palavra familiar é justamente o que, na ocasião, corresponde efetivamente ao mecanismo de recalque no sentido mais usual, no sentido daquilo de que temos a experiência ao nível de alguma coisa que corresponde a uma experiência passada, a uma experiência, digamos, pessoal, a uma experiência histórica anterior, e remontando a muito longe, onde, claro, não seria mais o ser, neste momento, tal como o próprio Hirsch-Hyacinthe, mas o de seu criador, a saber, Heinrich Heine.

Se, na criação poética de Heinrich Heine, a palavra *familiário* brotou de uma maneira tão feliz, pouco nos importa saber em que circunstância ele a encontrou. Talvez a tenha encontrado no decorrer de um dos seus passeios numa noite parisiense que ele devia terminar solitário, após os encontros que teve por volta do ano 1830, com o barão James Rothschild que o tratava de igual para igual, e de uma maneira bem *familiar*. Foi talvez, naquele momento que ele a inventou e não a deixou cair da sua pena quando estava escrevendo na sua mesa. Mas pouco importa, ele teve esse achado muito feliz, e isso é muito bom.

Aqui, não vou mais longe do que Freud. Lido o primeiro terço do livro aproximadamente, após a análise de *familiário*, Freud retoma o exemplo ao nível do que ele chama de tendências do espírito, e identifica nessa criação, na formação desse *dito espiritual*, qualificando de engenhosa invenção essa criação de Heine. É alguma coisa que tem seu correspondente no seu passado, nas suas relações pessoais de família. A palavra *familiário* lhe é bem familiar, porque através de Salomon de Rothschild, que ele representou na sua ficção, é somente outro *familiário* parente seu, o seu tio Salomon Heine, que desempenhou na sua vida o papel mais opressor, isso durante toda a sua existência, tratando-o extremamente mal, não lhe negando simplesmente o que ele podia esperar dele em qualquer plano concreto possível que fosse, mas muito mais: encontrando-se na posição do homem que negou, que pôs obstáculo na vida de Heine à realização de seu amor maior, o amor que ele tinha para sua prima que precisamente não conseguiu desposar por essa razão essencialmente *familiar*, que o tio era um milionário e que ele não o era. Portanto, Heine sempre considerou como uma traição o que não foi senão uma consequência marcada de *milionaridade*.

Digamos que esse familiar que se encontra aqui, que tem a função significante maior no recalque correlativo da criação espiritual, é o significante que, no caso de Heine poeta, artista da linguagem, nos mostra de modo evidente a subjacência de uma significação pessoal em relação à criação, aqui espiritual ou poética. Essa subjacência está ligada à palavra, e não a tudo aquilo que pode ter confusamente acumulado a significação permanente na vida de Heine de uma insatisfação e de uma posição muito singularmente colocada em posição de desequilíbrio em relação às mulheres em geral. Se esse algo intervém aqui, é pelo significante *familiar* como tal. Não há nenhum outro meio, no exemplo indicado, de encontrar a ação, a incidência do inconsciente, a não ser mostrando aqui a significação estreitamente ligada à presença do termo significante *familiar* como tal.

20 de novembro de 1957

Naturalmente, tais observações são feitas para nos mostrar que quando entramos nessa via de ligar à combinação significativa, toda a economia do que está registrado no inconsciente, isso, claro, nos leva longe, e numa regressão que podemos considerar não como *ad infinitum*, mas até a origem da linguagem. É preciso que consideremos todas as significações humanas como tendo sido, em algum momento, metaforicamente geradas por conjunções significantes; e devo dizer que considerações como essa não estão, certamente, desprovidas de interesse. Temos sempre que aprender com o exame dessa história do significante.

Esta observação que faço, incidentemente, é feita simplesmente para lhes dar aqui uma ilustração disto, enquanto trato do assunto, a propósito dessa identificação do termo *família* como sendo o que está ao nível da formação metafórica recalcada, uma vez que, no final das contas, exceto se vocês lerem Freud ou tiverem, simplesmente, um pouco de homogeneidade entre o modo como vocês pensam enquanto estão em análise e o modo como vocês lêem um texto, vocês não pensam em família no termo *familiarário* como tal, no termo *atterré* que analisei para vocês na última vez. Quanto mais a realização do termo *atterré* é feita, tanto mais ela vai no sentido de terror, e mais a terra é evitada, embora seja o elemento ativo na introdução significativa do termo metafórico *atterré*.

Da mesma forma aqui, quanto mais longe vocês vão no sentido de *familiarário*, quanto mais vocês pensam no *familiarário*, isto é, no milionário que se tornou transcendente, por assim dizer, que se tornou algo que existe no ser, e não mais pura e simplesmente essa espécie de sinal, tanto mais a própria *família* tende a ser recalcada como termo, agindo na criação da palavra *familiarário*, eludida. Mas se, por um instante, vocês voltarem a se interessar por esse termo de família, assim como eu o fiz ao nível do significante, isto é, abrindo um dicionário Littré, do qual o Sr. Chassé nos diz que dele Mallarmè tirava todas as suas idéias - o mais interessante é que ele tem razão, mas tem razão em um certo contexto, eu diria até que ali ele é flagrado no mínimo tanto quanto seus interlocutores; ele pensava ser inovador. Claro que ele está inovando porque ele cita um fato desconhecido. Se, com efeito, cada um pensasse no que é a poesia, não haveria, verdadeiramente, nada de surpreendente em constatar que Mallarmè devia interessar-se, fortemente, pelo significante. Simplesmente, uma vez que ninguém jamais abordou sequer o que é verdadeiramente a poesia, isto é, que se oscila entre não sei que teoria vaga e confusa sobre a comparação ou, pelo contrário, a referência a não sei que termos musicais, é por aí que se quer explicar a pretensa ausência de sentido em Mallarmè, sem se dar conta, absolutamente, que deve haver uma maneira de definir a poesia em função das relações ao significante, que há uma fórmula talvez um pouco mais rigorosa, e que, a partir do momento em que se dá essa fórmula, é muito menos surpreendente que, nos seus sonetos mais obscuros, Mallarmè seja questionado.

Dito isto, penso que ninguém fará um dia a descoberta que eu também tirava todas as minhas idéias do dicionário Littré! Não é porque o abro que é disso que se trata.

Eu o abro, pois, e posso informar-lhes disso: suponho que alguns de vocês podem conhecer, mas que, mesmo assim, tem seu interesse é que o termo *familiar* em 1881 é um neologismo. Uma consulta atenta a alguns bons autores que de lá para cá se debruçaram sobre este problema me permitiu datar de 1865 o aparecimento da palavra *familiar*. Isso quer dizer que não se tinha o adjetivo *familiar* antes daquele ano. Por que não o tínhamos?

Este é um assunto muito interessante. No final das contas, a definição que dá Littré é alguma coisa que diz respeito à família, ao nível, diz ele, da ciência política. Em resumo, a palavra *familiar* está muito mais ligada a um contexto como, por exemplo, o de *alocações* [pagamentos] *familiais* do que a qualquer outra coisa. Na medida em que a família, em

20 de novembro de 1957

determinado momento, foi considerada, é que foi possível abordá-la como objeto ao nível de uma realidade política interessante, isto é, na medida em que não estava mais completamente na mesma relação, na mesma função estruturante com o sujeito que ela havia sido sempre até certa época, ou seja, de algum modo, incluída, tomada nas bases e nos próprios fundamentos do discurso do sujeito, sem sequer que se pense isolá-la por essa razão, que ela foi tirada do nível de objeto resistente, de objeto que se tornou propósito de uma manipulação técnica particular, que uma coisa tão simples como o adjetivo correlativo ao termo família veio à tona; razão pela qual vocês não podem deixar de perceber que, talvez, não seja tampouco alguma coisa indiferente ao nível do próprio uso do significante família.

Seja o que for, tal observação é feita também para nos lembrar que não devemos considerar o que acabo de lhes dizer sobre a entrada no circuito do recalcado e do termo família ao nível do tempo de Heinrich Heine, como tendo absolutamente um valor idêntico àquele que pode ter em nosso tempo, já que, pelo simples fato que o termo familiar não somente não é usável no mesmo contexto, e mesmo não existe na época de Heine. Basta mudar, por assim dizer, o eixo da função significante ligada ao termo família. É uma nuance que pode ser considerada nessa oportunidade como não desprezível.

É, aliás, graças a uma série de negligências dessa espécie que podemos pensar que compreendemos os textos antigos assim como os compreendiam os contemporâneos. No entanto, tudo nos anuncia que existem todas as possibilidades para que uma leitura ingênua de Homero não corresponda absolutamente em nada ao verdadeiro sentido de Homero, e que não é em vão, certamente, que estudiosos se dedicam a uma pesquisa esmerada e completa do vocabulário homérico como tal, na esperança de recolocar aproximadamente no lugar a dimensão de significação desses poemas. Mas o fato é que eles conservam o seu sentido, apesar de que, segundo toda probabilidade, uma boa parte do que se chama, impropriamente, o mundo mental, o mundo das significações dos heróis homéricos nos escapem completamente, e muito provavelmente nos escaparão de uma maneira mais ou menos definitiva. É no plano da distância do significante ao significado que podemos entender que uma concatenação particularmente bem feita é o que caracteriza, precisamente, a poesia; significantes estes aos quais poderíamos agora e, provavelmente, indefinidamente, até o final dos séculos dar sentidos plausíveis.

Chegamos pois ao nosso *familiário*, e creio ter dado mais ou menos uma visão geral do que se pode dizer do fenômeno da criação do *ditto spiritoso* no seu registro e na sua ordem própria. Isso, talvez, nos permita cercar de mais perto a fórmula que podemos dar do esquecimento do nome de que falei na semana passada.

O que é esquecimento do nome? Neste caso é que o sujeito colocou diante do Outro, e ao próprio Outro enquanto Outro, a questão: quem pintou o afresco de *Orvieta*? E ele nada encontra.

Vale registrar, nesse caso, a importância que tem a preocupação que tenho de lhes dar uma formulação correta, sob o pretexto de que a análise descobre que se ela não evoca o nome do pintor de *Orvieta*, é porque a palavra *Signor* falta que vocês podem pensar que é *Signor* que é esquecido. Não é verdade. Primeiro, porque não é *Signor* que ele busca, é *Signorelli* que é esquecido, e *Signor* é o resíduo significante recalcado de alguma coisa que ocorre no lugar onde não se reencontra *Signorelli*.

20 de novembro de 1957

Eu quero dizer o caráter totalmente rigoroso do que eu lhes digo. Não é absolutamente a mesma coisa lembrar-se de *Signorelli* ou de *Signor*. Quando vocês fizeram com *Signorelli* a unidade que isso comporta, isto é, quando vocês fizeram o nome próprio de um autor, a designação de um nome particular, vocês não pensam mais no *Signor*. Se o *Signor* foi separado do *Signorelli*, isolado no *Signorelli*, é em relação à ação de decomposição própria da metáfora, e na medida em que *Signorelli* foi incluído no jogo metafórico que resultou no esquecimento do nome, aquele que nos permite reconstituir a análise.

O que nos permite reconstituir a análise é a correspondência de *Signor* com *Herr* numa criação metafórica que visa o sentido que existe além de *Herr*, o sentido que *Herr* tomou na conversação com a personagem que acompanha, naquele momento, Freud na sua pequena viagem rumo à foz de Cattaro, e que faz com que *Herr* se tenha tornado o símbolo daquilo diante de que fracassa seu domínio de médico, de mestre absoluto, isto é, o mal que ele não cura, a personagem que se suicida apesar de seus cuidados, e, em resumo, a morte e a impotência que o ameaça a ele pessoalmente, Freud. Foi na criação metafórica que ocorreu essa fragmentação de *Signorelli*, que permitiu ao *Signor* que encontremos, com efeito, como elemento de passar em algum lugar. Não se deve dizer que é *Signor* que é esquecido. É *Signorelli* que é esquecido, e *Signor* é alguma coisa que encontramos ao nível do resíduo metafórico na medida em que o recalado é esse resíduo significante. *Signor* é recalado, mas ele não é esquecido, ele não pode ser esquecido já que não existia antes. Aliás, se ele pôde, com tanta facilidade, se fragmentar, desprender de *Signorelli*, é porque *Signorelli* é justamente uma palavra de uma linguagem estranha a Freud, o que é realmente impressionante, digno de registro e de experiência, que vocês podem facilmente fazer, se tiverem alguma noção de uma língua estrangeira, e que vocês discernirem muito mais facilmente os elementos componentes do significante numa língua estrangeira do que na sua própria. Se vocês iniciarem o estudo de uma língua, vocês percebem entre as palavras, elementos de composição, relações de composições que vocês omitem completamente na sua própria língua. Na sua língua vocês não pensam as palavras, decompondo-as em radical e sufixo, ao passo que vocês fazem isso espontaneamente quando estudam um idioma estrangeiro. É por isso que uma palavra estrangeira é mais facilmente fragmentável e usável nos seus elementos e suas decomposições significantes, do que qualquer palavra de sua própria língua. Trata-se apenas de um elemento coadjuvante do processo que pode também ocorrer com as palavras de sua própria língua, mas se Freud começou por esse exame do esquecimento de um nome estrangeiro, é porque ele é particularmente acessível e demonstrativo.

Então, o que há ao nível do lugar onde vocês não encontram o nome de *Signorelli*? Isso quer dizer precisamente que houve uma tentativa, nesse lugar, de uma criação metafórica. O esquecimento do nome, o que se apresenta como esquecimento do nome, é o que se aprecia no lugar de *familiarário*. Não teria havido absolutamente nada se Heinrich Heine houvesse dito: ele me recebeu exatamente como um igual, exatamente... *ts.. ts.. ts..*

É exatamente o que ocorre no nível em que Freud procura seu nome de *Signorelli*, é alguma coisa que não sai, que não é criada, é lá que ele procura *Signorelli*, ele o procura lá, inevitavelmente. Por quê? Porque no nível onde ele deve procurar *Signorelli*, devido à conversação que antecede, é esperada e chamada uma metáfora que concerne a esse algo que é destinado a fazer mediação entre o de que se trata no decorrer da conversação que Freud tem naquele momento no que dela recusa, a saber, a morte. É justamente aquilo de que se trata quando ele volta seu pensamento para o afresco de *Orvietta*, a saber, o que ele mesmo chama de *coisas últimas*, a elaboração, por assim dizer escatológica, que é a única

20 de novembro de 1957

maneira como ele pode abordar esse tipo de termo detestável, de termo impensável, por assim dizer, de seus pensamentos, esse algo onde ele deve assim mesmo parar. A morte existe, e limita o estado humano, limita também sua ação de médico, e que dá igualmente um limite absolutamente irrefutável a todos os seus pensamentos.

É porque ele não encontra metáfora alguma na elaboração dessas coisas, como sendo as coisas últimas, que Freud se recusa a toda escatologia, a não ser sob a forma de uma admiração pelo afresco de *Orvietto* que nada lhe vem, e que, no lugar onde ele procurou o autor - pois, no final das contas, é do autor que se trata, de nomear o autor - ele não produz nada, porque nenhuma metáfora dá certo, nenhum equivalente é passível de ser dado naquele momento ao *Signorelli*, porque o *Signorelli* tomou uma necessidade, é chamado naquele momento para uma forma significante bem diferente que a de seu simples nome que, naquele momento, é todavia solicitado para entrar no jogo à maneira de *atterré* [aterrado], o radical *ter* desempenha sua função, isto é, ele se fragmenta e ele se elide. A existência, em algum lugar, do termo *Signor* é a consequência da metáfora, que não logrou êxito, que Freud chama naquele momento em seu auxílio. É por isso que vocês vêem os mesmos efeitos que assinali como devendo existir ao nível do objeto metonímico, a saber, naquele momento, o objeto de que se trata, o objeto representado, pintado sobre as coisas últimas, Freud o tira: *não somente não encontrava o nome de Signorelli, mas nunca me lembrei tão bem, jamais visualizei tão bem como naquele momento, o afresco de Orvietto, eu, diz ele, que não sou - e, como sabemos por toda sorte de outros traços, pela forma de seus sonhos em particular - eu que não sou tão imaginativo assim*

Se Freud pôde fazer todos esses achados, é muito provavelmente no sentido em que ele era muito mais aberto, muito mais permeável ao jogo simbólico do que ao jogo imaginário; e ele mesmo observa essa intensificação da imagem ao nível da lembrança, essa reminiscência mais intensa do objeto de que se trata, a saber, a pintura, e até o rosto do próprio Signorelli que ali está na postura em que aparecem, nos quadros daquela época, os doadores, e algumas vezes, o autor. Há Signorelli no quadro e Freud o visualiza. Logo, não há uma espécie de esquecimento puro e simples, maciço, por assim dizer, do objeto; pelo contrário, há uma relação entre o revivescimento, a intensificação de alguns desses elementos e a perda de outros elementos, de elementos significantes ao nível simbólico, e nós encontramos, naquele momento, o sinal do que está ocorrendo ao nível do objeto metonímico, ao mesmo tempo em que podemos formular o que ocorre nessa fórmula do esquecimento do nome, mais ou menos assim:

$$\frac{X}{\text{Signor}} \quad \frac{\text{Signor}}{\text{Herr}}$$

Aí encontramos a fórmula da metáfora na medida em que se exerce por um mecanismo de substituição de um significante *S* a outro significante *S'*.

O que está ocorrendo como consequência dessa substituição do significante *S* a outro significante *S'*? Ocorre o seguinte: a nível de *S'* ocorre uma mudança de sentido, a saber, que o sentido de *S'*, digamos *s'*, torna-se o novo sentido que chamaremos *s*, na medida em que corresponde ao *S* maiúsculo.

Mas, na verdade, para não deixar subsistir ambigüidade no vosso espírito, isto é, vocês podem crer que se trata aí dessa topologia, que o *s* minúsculo é o sentido do *S* maiúsculo e que é preciso que o *S* seja relacionado com *S'* para que o *s* minúsculo possa produzir a esse título somente o que chamam de *s'*". É a criação desse sentido que é a finalidade, o

20 de novembro de 1957

funcionamento da metáfora. A metáfora tem sempre êxito na medida em que isso sendo executado, o sentido sendo realizado, o sentido tendo entrado em função no sujeito, S e s , exatamente como numa fórmula de multiplicação de fração, se simplificam e se anulam.

É na medida em que *atterré* termina por significar o que ele é realmente para nós na prática, a saber, *mais ou menos atingido pelo terror*, que o *ter* que serviu de intermediário entre *atterré* e *abattu* de um lado, o que, propriamente dizendo, é a distinção mais absoluta, não há nenhuma razão para que *atterré* substitua *abattu*, mas que o *ter* que se encontra aqui por ter servido a título homonímico, trouxe esse *terror*, que o *ter* em ambos os casos pode se simplificar. É um fenômeno da mesma ordem que se produz ao nível do esquecimento do nome.

Se vocês quiserem compreender bem o de que se trata, não é de uma perda do nome *Signorelli*, é de um X que introduzo aqui porque vamos aprender a reconhecê-lo e a fazer uso dele. Este X , é este apelo da criação significativa cujo lugar reencontraremos na economia de outras formações inconscientes. Vou dizê-lo agora: é o que ocorre ao nível do que se chama o desejo do sonho. Eu lhes mostrarei como nós o reencontramos, mas lá nós o vemos de uma maneira simples, no lugar onde Freud devia reencontrar *Signorelli*. Ele nada encontra, não simplesmente porque *Signorelli* desapareceu, mas porque naquele nível é preciso que ele crie alguma coisa que satisfaça àquilo que é a questão para ele, a saber, as *axias últimas*, e na medida em que este X está presente, alguma coisa que é a formação metafórica tende a se produzir, e nós o sabemos por causa disto: o termo *Signor* aparece ao nível de dois termos significantes opostos, de duas vezes o valor de S' , e que a esse título é que ele sofre o recalçamento na qualidade de *Signor*, que ao nível do X nada ocorreu e é por isso que ele não encontra o nome, e que o *Her* desempenha o papel do lugar que ele ocupa como objeto metonímico, como objeto que não pode ser nomeado, como objeto que só é nomeado por alguma coisa que está nas suas conexões. A morte é o *Her* absoluto. Mas quando se fala do *Her* não se fala da morte porque não se pode falar da morte, porque a morte é muito precisamente, ao mesmo tempo, o limite e provavelmente também a origem de onde parte toda a palavra.

Eis, portanto, aonde nos leva a comparação, o estabelecimento de relação, termo a termo, da formação do *dito espíritoso* com essa formação inconsciente cuja forma vocês vêem agora aparecer melhor na medida em que ela é aparentemente negativa. Ela não é negativa. Esquecer um nome, não é simplesmente uma negação, é uma falta, mas uma falta - temos sempre tendência a ir muito depressa - desse nome. Não é porque esse nome não é agarrado que há a falta, é a falta desse nome que faz que, procurando o nome, essa falta no lugar onde esse nome deveria exercer essa função, onde ele não pode mais exercê-la, pois um novo sentido é exigido, exige uma nova criação metafórica. É por isso que o *Signorelli* não é reencontrado, mas que, por outro lado, os fragmentos são encontrados em algum lugar, lá onde eles devem ser reencontrados na análise, lá onde eles desempenham a função de segundo termo da metáfora, a saber, do termo elidido na metáfora.

Isto pode parecer-lhes chinês, mas pouco importa se simplesmente vocês se deixam conduzir pelas aparências. Por mais complicado, num caso particular, que isso possa lhes parecer, isso é muito rico de conseqüências nisto: é que se vocês se lembrarem disso quando for preciso, isso lhes possibilitará esclarecer o que ocorre na análise de tal ou tal formação inconsciente, de constatar isso de modo satisfatório, e, por outro lado, verificar que elidindo-a, não a levando em conta, vocês são conduzidos ao que se chamam as entificações ou identificações muito grosseiras, sumárias, senão geradoras de erros, pelo menos, confluindo, tendendo a sustentar os erros de identificações verbais que

20 de novembro de 1957

desempenham um papel tão importante na construção de uma certa psicologia da preguiça [*mlessê*], precisamente.

Voltemos ao nosso *dito espíritoso*, e ao que se deve pensar dele. Gostaria de introduzi-los a outra espécie de distinção que corresponde, de certo modo, àquilo por que comecei, a saber, a questão do sujeito.

A questão do sujeito, o que isso quer dizer? Se o que eu lhes disse há pouco tempo é verdade, se é que sempre o pensamento consiste apenas em fazer do sujeito aquele que se designa como tal no discurso, eu faço observar que o que o distingue, que o que o isola, que o que o opõe, é alguma coisa que poderemos definir como a oposição do que eu chamaria o dizer do presente com o presente do dizer.

Isso tem a aparência de um jogo de palavras mas, não é de modo algum jogo de palavras. Dizer do presente, isso quer dizer que o que se diz *eu* [*jê*] no discurso - aliás em comum com uma série de outras partículas, como *Her* por exemplo, e poderíamos colocar [com] *aquí*, *agora*, e outras palavras tabu em nosso vocabulário psicanalítico - é esse algo que serve para detectar no discurso a presença do falante, mas que o detecta na sua atualidade de falante. Basta ter o menor conhecimento ou experiência da linguagem para ver que naturalmente o presente da linguagem, a saber, o que há presentemente no discurso é uma coisa completamente diferente dessa identificação do presente no discurso. O que ocorre ao nível da mensagem, isto é que é o presente do discurso. Isto pode ser lido em todo tipo de modos, em todo tipo de registros, isto não tem nenhuma relação de princípio com o presente na medida em que é designado no discurso como presente daquele que o suporta, a saber, alguma coisa perfeitamente variável e para a qual, aliás, as palavras só têm realmente um valor de partícula. *Eu* não tenho mais valor aqui do que em *aquí* ou *agora*. Prova disso é que quando vocês me falam de *aquí* ou *agora* e que vocês são meus interlocutores, quem fala disso, você não fala do mesmo *aquí* ou *agora*, você fala do *aquí* ou *agora* de que *eu* [*je*] falo, *eu* [*me*]. Em todo caso, seu *eu* [*jê*] certamente não é o mesmo que o meu. São palavras muito simples destinadas a fixar em algum lugar o *eu* [*jê*] no discurso.

Mas o presente do próprio discurso é alguma coisa completamente outra, e eu vou imediatamente lhes dar uma ilustração disso ao nível do *dito espíritoso* o mais curto que eu conheça, que vai, aliás, nos introduzir, ao mesmo tempo, em outra dimensão [que] a dimensão metafórica.

Há outra. Se a dimensão metafórica é a que corresponde à condensação, falei ainda há pouco do deslocamento, ele deve estar em algum lugar, ele está na dimensão metonímica. Se não a abordei ainda, é porque ela é muito mais difícil de ser apreendida, mas justamente esse *dito espíritoso* nos será particularmente favorável para que nós a possamos sentir e é disso que vou falar hoje.

A dimensão metonímica, na medida em que pode entrar no *dito espíritoso* é aquela que é de contexto e de emprego de combinações na cadeia de combinações horizontais. É, portanto, alguma coisa que vai se exercer, associando-se elementos já conservados no tesouro, por assim dizer, das metonímias; é na medida em que uma palavra pode estar ligada de modo diferente em dois contextos diferentes, o que lhes dará dois sentidos completamente diferentes, que, sendo retomada de certo modo, nós nos exercitamos propriamente falando no sentido metonímico.

Disso eu lhes darei o exemplo *princeps*, ele também, na próxima vez, sob a forma desse dito espíritoso que posso lhes anunciar para que vocês nele meditem antes que eu aborde o

20 de novembro de 1957

assunto. É aquele que ocorre quando Heinrich Heine está com o poeta Frédéric Soulier num salão, e quando este lhe diz ainda a propósito de uma pessoa muito rica que era muito conhecida naquela época como vocês vêem e de quem ele diz, porque era muito cortejado - quem fala é Soulier - *Você vê meu prezado amigo, o culto ao Bezerro de Ouro não terminou.* - *Oh!* responde Heinrich Heine, após ter olhado a personagem - *Em se tratando de um bezerro, parece-me que já passou um pouco da idade.*

Eis o exemplo de palavra espirituosa metonímica. Insisto: eu o descascarei da próxima vez. É na medida em que a palavra *bezerro* é tomada em dois contextos metonímicos diferentes, e unicamente a este título, que se trata de uma *palavra espirituosa*, pois, na realidade, não acrescenta nada à significação do *dito espirituoso* o fato de dar-lhe seu sentido, isto é, essa personagem é um animal. É gozado dizer isso, mas é um dito espirituoso na medida em que de uma réplica para outra, *bezerro* foi tomado em dois contextos diferentes e exercidos como tais.

Se não estiverem convencidos disso, voltaremos ao assunto na próxima vez, isso para voltar ao *dito espirituoso* pelo qual eu quero, mais uma vez, que vocês sintam o de que se trata quando eu digo que o *dito espirituoso* se exerce ao nível do jogo do significante e que se pode demonstrar isso numa forma ultrabreve.

Uma moça em potencial, a quem poderemos dar todas as qualidades da verdadeira educação, a que consiste em não dizer palavrões, mas em conhecê-los, na sua primeira *surprise party* é convidada por um cortejador que lhe diz após um momento de tédio e de silêncio numa dança aliás imperfeita: *Você viu, senhorita, que eu sou conde?* - *Ah! t*, responde ela simplesmente².

Isto não é uma anedota, eu penso que vocês a leram em pequenos livros especiais e que vocês puderam ouvi-la da boca de seu autor que estava bastante satisfeito, eu posso garantir. Mas, assim mesmo, apresenta caracteres particularmente exemplares, pois o que vocês vêem aí, é justamente a encarnação, por essência, do que chamei o presente do discurso. Não há *eu [jê]*, o *eu [jê]* não se nomeia. Não há nada mais exemplar do presente do dizer na qualidade de oposto ao dizer do presente que a exclamação pura e simples. A exclamação é o tipo mesmo da presença no discurso na medida em que aquele que fala apaga completamente seu presente; seu presente é, por assim dizer, inteiramente lembrado no presente do discurso.

No entanto, a esse nível de criação, o sujeito mostra essa presença de espírito, pois uma coisa dessa natureza não é premeditada, aparece assim, e é assim que se reconhece que alguém tem espírito. Ela acrescenta essa simples modificação ao código que consiste em acrescentar-se a ele esse pequeno *t* que extrai todo seu valor do contexto, por assim dizer, a saber que o conde [*contê*] não a *contenta* [*contentê*], com essa pequena diferença que o conde, se ele é como digo, tão pouco *contentador* [*contentantê*], pode não se aperceber de nada. A *palavra espirituosa* é completamente gratuita. No entanto, vocês vêem ali o mecanismo elementar do *dito espirituoso*, a saber, que a leve transgressão do código é tomada por ela mesma na qualidade de novo valor permitindo engendrar instantaneamente o sentido de que se precisa.

Este sentido, qual é? Pode parecer-lhes que ele não é duvidoso, mas, afinal, a moça bem educada não disse ao seu *conde* [*contê*] que ele era o que ele era menos um *t*, nada lhe disse

² *Conte* = Conde ; *Con(t)* = Babaca t ; *Ah, t!* = *Contenter* = Contentar.

20 de novembro de 1957

de semelhante. O sentido que é para ser criado é justamente isso que se situa em algum lugar em suspenso entre o *eu* [*me*] e o Outro. É uma indicação que há alguma coisa que, pelo menos por ora, deixa a desejar. Por outro lado, vocês vêem bem que esse texto não é de modo algum transponível: se a personagem houvesse dito que ele era marquês, a criação não seria possível.

É bem evidente que, segundo a boa velha fórmula que fazia a alegria de nossos pais no século passado: *Como vais?*, perguntava-se e respondiam: *É boa para a cabeça* era melhor não responder: *É boa para a cabeça*. Vocês poderão sempre me dizer que era uma época em que se tinha prazeres simples³.

Este *Ah! t*, vocês o percebem ali sob a forma mais breve, sob uma forma incontestavelmente fonemática, já que é a composição mais breve que se possa dar a um fonema. É preciso que haja dois traços distintivos, a fórmula mais breve do fonema sendo esta: C V; uma consoante apoiada numa vogal, ou uma vogal apoiada numa consoante, mas uma consoante apoiada numa vogal sendo a fórmula clássica. Aqui, é uma consoante apoiada numa vogal, e isso basta amplamente para constituir sua mensagem como tendo valor de mensagem, na medida em que faz referência paradoxal ao atual emprego das palavras e dirige como tal o pensamento do Outro para alguma coisa que é essencialmente apreendida, instantânea do sentido.

É isso que se chama ser *espíritoso* é isso também que, para vocês, inicia o elemento propriamente combinatório sobre o qual se apoia toda metáfora, pois se eu lhes falei muito hoje também da metáfora, é no plano, mais uma vez, da localização do mecanismo substitutivo que é um mecanismo com quatro termos, os quatro termos que constam da fórmula que eu lhes dei n' *A instância da letra*, e da qual vocês vêem, algumas vezes, tão singularmente o que é a operação, pelo menos na forma, a operação essencial da inteligência, isto é, formular o correlativo do estabelecimento com um X de uma proporção.

Quando vocês se submetem a testes de inteligência, não se trata de outra coisa. Todavia, isto não basta para dizer que o homem se distingue dos animais pela sua inteligência, de uma maneira totalmente bruta. Talvez ele se distinga do animal pela sua inteligência, mas talvez neste fato de ele se distinguir pela sua inteligência, a introdução essencial de formulações significantes seja primordial.

Noutros termos, aliás, para melhor formular as coisas, para pôr no seu lugar a questão da pretensa inteligência dos homens como sendo a fonte de sua realidade mais X, seria necessário começar a se perguntar: inteligência de quê? O que há para ser entendido? Será que com o real, é tão importante entender de que se trata? Se é pura e simplesmente de uma relação ao real de que se trata, nosso discurso deve conseguir certamente restituí-lo na sua existência do real, isto é, não deve levar, propriamente falando, a nada. É o que faz, aliás, em geral, o discurso. Se chegamos a outra coisa, se podemos mesmo falar de uma

³ Trocadilhos comuns ao humor francês.

Exemplos: - Comment vas-tu? - Como vai?
 - Bien, merci. E toi[le à matelas]? - Bem, obrigado. E você [e o tecido (*taille*) do colchão (*matelas*)?
 - Bien, mer[cigarette]. - Bem, obrigado [meu cigarro], etc.

Essa fórmula, encontramos-la, em português, próxima em relação à homofonia:

- Como tá tu?
- Tu tá bom?
- Tá, tá tu do bem.

20 de novembro de 1957

história tendo um fim num certo saber, é na medida em que o discurso trouxe a ela uma transformação essencial.

É realmente disso que se trata e, talvez, simplesmente, desses quatro pequenos termos ligados de uma certa maneira que se chamam relações de proporção. Essas relações de proporção, temos mais uma vez a tendência a entificá-las, isto é, a crer que nós as tiramos dos objetos; mas onde estão, nos objetos, estas relações de proporção se nós não as introduzimos com o auxílio de nossos pequenos significantes? Daí resulta que para que o jogo metafórico seja possível, é preciso que ele se baseie sobre alguma coisa onde haja uma outra coisa a substituir, sobre o que é a base, isto é, a cadeia significante, a cadeia significante considerada como base, como princípio da combinação, como lugar da metonímia. É o que tentaremos abordar na próxima vez.